

O *HABITUS* PROFESSORAL NO CAMPO UNIVERSITÁRIO

Maria José Pereira de Oliveira Dias

RESUMO: O texto aponta importantes elementos relacionados ao *habitus* professoral e as várias disposições culturais e práticas que esse agente, o Professor, incorpora ao longo de sua vida. A reflexão está assentada na concepção que o sociólogo francês Pierre Bourdieu desenvolveu em suas diversas investigações relacionadas à educação, cultura, escola, professor, aluno em contextos culturais e sociais determinados. O foco de Bourdieu era desvelar os mecanismos constituintes dos processos de reprodução das desigualdades culturais e sociais, cuja exclusão é operada de forma arbitrária sob a forma de uma violência simbólica exercida por uma autoridade pedagógica. Por fim, Benedito (1995) aponta três elementos formativos do *Habitus* Professoral no campo universitário: auto-didatismo, espelhar-se em professores significativos e a própria condição de estudante em seu processo de escolarização.

Palavras-chave: *Habitus* Professoral. Formação docente. Educação superior.

Introdução

Bourdieu entende que o *habitus* não se forma de maneira instantânea, pois é um processo contínuo que se inicia na família e perpassa em todos os campos sociais. Portanto, analisando dialeticamente o *habitus* na perspectiva objetivista e subjetivista, Bourdieu dizia em seus discursos que é um “sistema de disposições duráveis, estruturado e estruturante e que produz práticas que podem ser regulamentadas sem que seja obediência máxima ou regra absoluta, assim adaptadas para que seja exercida por todos no coletivo sem que seja organizada somente por um indivíduo”. Para ele, o *habitus* é responsável por ações resultantes de condicionamento histórico e social, mas pendente ao jogo do inconsciente que se descreve por meio do corpo, gestos e posturas. Assim, o *habitus* é internalizado pelo agente como formas e práticas mentais que são percebidas sem que este a queira deixar perceber de maneira calculada ou explícita.

Ao retomar a questão do *habitus*, Renato Ortiz (1994) nos aponta que o pensamento de Bourdieu destaca três pontos centrais: “conhecimento praxiológico (prático), *habitus* (noção) e campo”.

Para Ortiz (1994), as pesquisas de Bourdieu se baseiam fundamentalmente na perspectiva da mediação entre o agente social e a sociedade em que o mesmo está inserido. Portanto, para compreender esse agente é preciso entender como o ator social se articula na estrutura que a sociedade constrói. O eixo principal da abordagem de Bourdieu, para este autor, é conseguir articular de forma dialética a concepção do ator social e a estrutura composta no âmbito social. Nesse sentido, esse conhecimento sistematizado que Bourdieu provoca é chamado de conhecimento praxiológico que é internalizar o conhecimento exterior

e ao mesmo tempo exteriorizar o que foi internalizado, numa perspectiva dialética. Assim, a reflexão de Bourdieu parte também da dialética estabelecida entre a compreensão subjetiva e objetiva que o homem constrói em sua prática social.

Ortiz (1994) expõe que Bourdieu enfatiza a linguagem como poder e autoridade na fenomenologia, onde o comunicar nesse pensamento é articular e defrontar ideais – a escola subjetiva preza por esse aspecto. Nesse sentido, a linguagem depende da posição social e das relações do quanto de poder acumulado ou capital social, econômico e outros o indivíduo possui. Nesse aspecto, Weber introduz a questão do poder e entende como condições subjetivas.

Para Bourdieu, o *habitus* nada mais é que o aprendizado que ocorreu ao longo da vida do homem. Todos os modos são resultados dos hábitos incorporados ao longo da história de vida. Porém, o autor reinterpreta esse conceito,

“[...] recupera a velha ideia escolástica de *habitus* que enfatiza a dimensão de um aprendizado passado. Com efeito, a escolástica concebia o hábito como um *modus operandi*, ou seja, como disposição estável para se operar numa determinada direção; através da repetição criava-se, assim, certa comparabilidade entre sujeito e objeto no sentido de que o hábito se tornava uma segunda dimensão do homem, o que efetivamente assegurava a realização da ação considerada. Bourdieu reinterpreta esta noção de hábitos no interior do embate objetivismo/fenomenologia [...]” (Ortiz, 1994, p. 15).

Assim, se observarmos as definições do *habitus*, ele é composto por sistemas duráveis (psíquicos, sociais, institucionais, etc.), que norteiam a ação do homem nas relações sociais, mas por outro lado pode contribuir efetivamente com a reprodução explícita ou implícita na sociedade. Nesse sentido, o *habitus* pressupõe um estilo de vida coletiva, influenciando nos gostos e modos das classes de cada grupo, ao mesmo tempo em que se apresenta social é internalizado de forma individual e subjetiva.

Para Ortiz (1994), Bourdieu entende que o *habitus* é o resultado de uma socialização dos agentes, e, portanto, produz práticas pedagógicas que primeiro é formado na família, depois a escola será a outra instituição legítima e formadora dos mesmos.

Portanto, para Bourdieu, o *habitus* não é uma aptidão natural e social, pois varia com o tempo, mas é durável, dinâmico e se transforma por meio das experiências filtradas. O *habitus* é transferível para vários domínios da prática e para vários campos ou espaços sociais que fundamentam estilos e modos de vida. Nesse sentido, para Bourdieu o campo intelectual deve ser investigado, principalmente em relação ao *habitus* professoral incorporado nesse processo.

Quanto a essa reflexão, para arrematar com maior clareza, no texto “Algumas propriedades dos campos”, Bourdieu (1983) analisa os campos como espaços que são estruturados horizontalmente em diferentes características, e verticalmente em posições diferenciadas de acordo com suas particularidades, tais como o campo político, filosófico e religioso que possuem leis sem muitas variações e são particulares em relação aos outros. Para o autor, o saber de um campo particular pode contribuir para outros campos, portanto, são internos e externos ao mesmo tempo. Assim, em cada campo há uma luta que tenta forçar o direito de dominar e defende então seus respectivos monopólios. Desta luta pode surgir um novo campo, portanto, a hegemonia estabelecida é importante nesse conflito, tornando assim um diferencial.

Para Bourdieu (1983), no campo científico o objeto de disputa é específico e próprio, diferindo assim de outros campos existentes. Para que o campo se constitua e estabeleça no contexto social, é preciso que o agente esteja em disputa por poder e seja dotado de *habitus* para defender seu objeto de direito. Para se estabelecer no jogo de disputa é preciso compreender a estrutura – estado da relação de força, na distribuição do capital específico que foi agregado as lutas anteriores que vão orientar no decorrer da vida. As lutas cujo espaço é o campo, tem por objeto o monopólio da violência legítima que é específico ao campo considerado definitivo.

Conforme Bourdieu (1983), o capital específico vale em relação a certo campo. O agente que monopoliza o capital específico com base no poder e na autoridade, consegue estratégias de conservação, e, portanto, exerce uma ortodoxia para conservar seus princípios verdadeiros e tradicionais.

No entanto, os agentes que possuem menor capital, tendem as estratégias de dominação por meio da heresia que é a maneira de ir contra as normas e as regras estabelecidas. Mas, para o autor, a heterodoxia e a doxa são as formas que os grupos dominantes têm para romper a crise de dominação, impulsionar a não conformidade, fazendo o campo de dominação um meio legítimo e arbitrário a outros meios.

“[...] O principio das estratégias filosóficas (ou literárias, etc.) não é o calculo cínico, a procura consciente da maximização do lucro específico, mas uma relação inconsciente entre um habitos e um campo. E a teoria do habitus visa a fundar a possibilidade de uma ciência das praticas que escape a alternativa do finalismo ou mecanicismo. O habitus, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim [...] quando

basta deixar o habitus funcionar para obedecer à necessidade imanente do campo, e satisfazer às exigências inscritas [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 94).

Contudo, para Bourdieu (1983), cada campo possui sua marca histórica, e, ao analisar o campo da filosofia, por exemplo, notaremos a fundamentação histórica inscrita no mesmo. O campo depende da interpretação intrínseca e histórica da produção. Pertencer a um campo é dominar o que deve ser dominado na história do campo, para saber agir no mesmo.

Para isto, a relação entre o *habitus* e um campo é a estratégia para se conservar nele ou agregar a outros numa prática dialética, pois, o *habitus* não é uma prática mecânica, e para se constituir deve obedecer à necessidade apresentada no campo e corresponder o que foi estabelecido.

Das pesquisas que Bourdieu desenvolveu, podemos referendar dois conceitos importantes – *habitus* e campo social, que estimulam a análise sobre o processo formativo do Professor. Nesta perspectiva, destaca-se que o foco principal das pesquisas de Bourdieu era objetivamente sob uma base empírica consistente, desvelar-revelar os mecanismos constituintes dos processos de reprodução das desigualdades culturais e sociais, cuja exclusão é operada de forma arbitrária sob a forma de uma violência simbólica exercida por uma autoridade pedagógica- O Professor, legitimando-a no interior do próprio ambiente educativo. Em seu artigo denominado “As Categorias do Juízo Professoral” fica demonstrado, no caso francês, como atuam os Professores no ato de ensinar, classificar e hierarquizar os diferentes agentes. Interroga-se, portanto como o Professor Universitário, como agente social, faz-se Professor.

Habitus Professoral no Campo Científico – Universitário

O campo científico apreende vários espaços sociais organizados e estruturados por agentes sociais que podem ocupar posições bastante definidas de acordo com a quantidade e a estrutura do capital eficiente exigido no referido campo. Podemos caracterizar diversos campos, como: universitário, jornalístico, literário, jurídico, econômico, político, etc., todos bem dotados de regras próprias e de agentes com hábitos incorporados especificamente para atuar no seu respectivo campo.

Concomitantemente, para Lugli (2005), Bourdieu considera essas ações como disposições incorporadas e que são pré-conscientes, assim, nesse caso, podendo também estruturar um homem tornando-o cada vez mais sociável. Todo o processo constitutivo do

habitus depende, primeiramente, da herança familiar ou de determinado grupo/ classe de origem onde se configura a ação individual do agente e suas condições sociais ou culturais representadas.

O *habitus* professoral está configurado no ato de ensinar e no exercício da razão prática, fazendo o lembrar de fatos que estavam armazenados/ incorporados em seu processo cognitivo, que o faz agir muitas vezes no improvisado, de maneira espontânea promovendo lembranças importantes, em certos momentos das aulas ministradas, que para o docente parecia estar esquecidas ou adormecidas. Sendo assim, podemos analisar que:

“A ideia de *habitus* permite compreender a ‘maldade’ dos professores e a ‘submissão’ dos alunos não como qualidades morais e sim como efeitos do sistema escolar sobre os indivíduos. Se retomarmos a ideia de socialização profissional[...] podemos observar que os professores têm a peculiaridade de ser trabalhadores que retornam à escola para exercer suas funções depois de têm passado por ela ao menos onze anos de suas vidas, o que implica a incorporação das categorias de sucesso ou fracasso escolar[...]” (LUGLI, p. 33).

A referida autora ressalta que, o que parece instintivo no *habitus* do professor, é mais um repertório das práticas pedagógicas exercidas e acumuladas ao longo de sua vida, da infância como aluno até a formação docente. Por isso, Bourdieu define que uma característica importante do *habitus* é o processo de aprendizagem pela convivência, mesmo diante de ações planejadas na didática e metodologia de ensino, é na interação com o meio e com os alunos que professor constituirá de várias estratégias para desenvolver sua ação pedagógica.

Lugli (2005) relata que, para Bourdieu as pessoas existem, logo são constituídas pelo *habitus*, e que por meio deste passam a perceberem a si e a outros, e assim distinguir em seus grupos sociais por meio dos gestos, dos corpos e ações singulares aquela comunidade. Porém, ao participar de diferentes grupos sociais o homem pode adquirir diversos tipos de *habitus*, a exemplo disto temos os estudantes que participam de diferentes grupos sociais e partem do conhecimento do senso comum e que vão buscando crescimento até o nível superior do conhecimento.

No entanto, até chegar ao processo avançado, muitos serão selecionados e se auto-selecionarão, os bem sucedidos são o que possuem maior capital cultural e que dominam o hábitus de forma natural e intuitiva, levando a seguir caminhos e decisões de sucesso. Para que sejam bem sucedidos, para Bourdieu, o aluno precisa ter um domínio da linguagem e uma importante argumentação além do que a escola exige como base, portanto, precisa estar inserido em um meio cultural favorável.

No entanto, essa é a crítica de Bourdieu em relação às desigualdades apresentadas no contexto social, pois um aluno de um meio cultural menos favorecido não consegue competir com igualdade com o outro que foi recompensado por pertencer a um grupo com maior capital cultural e social. Assim, o desafio maior da escola é não reforçar essas desigualdades sociais em relação às diferenças culturais que os alunos constituem. Portanto, é papel também do professor se preparar para enfrentar tais desafios apontados.

O sucesso e o fracasso escolar, para Bourdieu, estão justamente nas formas de avaliações que a escola estabelece, na maneira em que o professor se relaciona com seus alunos, na construção do conhecimento que pode ou não favorecer ao aluno o que já tem incorporado como hábitos necessários para corresponder o funcionamento do processo, retirando o direito ao mérito e o esforço dos alunos que não conseguiram ter acesso ao meio cultural favorável êxito e ao *habitus* escolar.

A autora Lugli (2005) finaliza seu pensamento baseando-se nas ideias de Bourdieu, e propõe uma importante reflexão sobre as práticas pedagógicas de reprodução que escola constitui, onde as desigualdades sociais são instaladas e transformadas em desigualdades escolares.

Não bastando isso, a escola seleciona os mais aptos e que possuem méritos naturais e necessários para alcançar êxito, ora justificando os dons naturais, ora valorizando o mérito pessoal – meritocracia. Mas, a partir da compreensão dos *habitus* e seus efeitos, a educação por meio da sociologia pode libertar ou desvelar as perversidades implícitas no contexto educativo e que são veladas por políticas e práticas que reforçam e naturalizam os problemas das desigualdades e das diferenças sociais.

De acordo com Ana Maria F. de Almeida (UNICAMP), em seu texto “Valores e luta simbólica”, os valores são fundamentais na constituição moral dos comportamentos e da atitude do homem, assim como o *habitus* contribui com a formação desses valores importantes. Esses mesmos valores, que vão permitir as pessoas terem discernimentos do que é positivo ou negativo em todos os aspectos da vida cotidiana, os valores, para essa autora, não são rígidos e podem mudar de uma sociedade para outra ou de um período histórico para o outro, pois são constituídos por homens sociais. Há valores que são dignos de serem repassados outros nem tanto, mas os valores dominantes dependem de um reforço ideológico para conseguir difundir a crença desejada.

Para Denise Catani, no texto “A educação como ela é”, o *habitus* funciona exatamente como um princípio fundamental de respostas às coisas que damos a realidade social. O

habitus do professor é resultado de uma análise interior que foi gerada por ação exterior, pois o que foi incorporado será exteriorizado pelo próprio agente. Portanto, o *habitus* é a própria história “carimbada ou impressa” no homem. Segundo Catani, Bourdieu tentou explicitar a forma “diabolizadora” que os professores tratam o ensino e seus alunos, principalmente quando promovem avaliações que é uma ferramenta que denota ainda mais as desigualdades escolares, hierarquizando e provocando traumas contínuos em seus alunos.

Um autor contemporâneo do campo científico e universitário europeu, Vicente Bedito (1995), em um de seus estudos declara que o professor universitário é um profissional que realiza um serviço à sociedade através da universidade. Por isso, esse professor deve ser reflexivo, competente em suas funções crítico e capacidade para exercer a docência e as atividades de investigação. Assim, são muitas as responsabilidades do docente universitário.

No entanto, para este autor, nos dias atuais o professor universitário aprende ser profissional mediante a um processo de socialização em parte intuitiva, autodidata, e o que é pior, seguindo uma rotina que se espelha em outros profissionais mais evidentes. Isto significa claramente que esse trabalhador não possui uma formação específica como profissional de uma educação superior.

Bedito (1998) afirma que esse processo educativo voltado para o ensino superior é constituído, muitas vezes é exercido, com base nas experiências vividas como aluno e que Bourdieu chama de *habitus* incorporado. Esse processo é definido por um papel mais ou menos importante com base nas suas experiências e nas reações de seus alunos, embora não desprezar a capacidade autodidata do professor.

Bedito (1998) enfatiza que o professor deve provocar aprendizagem em sala de aula, conhecer várias dinâmicas de ensino, organizar melhor os conteúdos, contribuir na formulação de questões para debates, interagir com seus pares, avaliar positivamente os alunos – sem punir, promover a busca autônoma de seus alunos por conhecimento científico. Assim, para contribuir significativamente e melhorar a sua prática profissional o docente precisa buscar um conhecimento teórico-científico e analisar reflexivamente sua ação de trabalho. Para esse autor, o processo de aprendizagem permanente depende da ação reflexiva, na constituição da formação profissional.

Contudo, apesar de ser um campo pouco explorado, o processo de investigação sobre a própria prática docente, é um fator apontado pelo autor. Conforme Bedito (1995), o ensino melhorará quando se estabelecer uma importante ligação entre a investigação e a docência,

principalmente quando esta propõe desenvolvimento e inovações necessárias e adequadas ao trabalho do professor e dos estudantes.

Nesse mesmo pensamento, a autora Silva (2008), destaca que a ação docente é baseada na interação com outros agentes do campo escolar, que é constituído por bases hierárquicas sociais. Assim,

“Os saberes de experiência são saberes práticos e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua formação e sua prática cotidiana. Na medida em que o professor enfrenta dificuldades e interage com o campo social, profissional e escolar, ele utiliza, amplia e modifica o seu *habitus*” (SILVA, 2008, p. 100).

Na experiência apropriada ocorrem interações articuladas com os processos de aprendizado passado, e, assim, constituições e saberes vão orientando práticas docente do presente e do futuro. Por isso, o professor está sempre buscando, inconscientemente, por referências e práticas anteriores para se constituir como profissional. Essas práticas são definidas como *hábitus* que foram incorporados nas relações sociais estabelecidas pelos homens.

Considerações finais

A escola, assim como o ensino em geral, é uma instituição de reprodução e legitimação dissimulada das várias formas de dominação cultural e social existentes no seio social. O foco principal de Bourdieu era justamente tentar desvelar todos os mecanismos possíveis de desigualdades, discriminação e exclusão que funcionam historicamente no ambiente educativo.

Na visão de Bourdieu, a formação docente é constituída de práticas geradas pelo *habitus* e incorporado pelo agente professor que deve gerar novas práticas possibilitando o crescimento do discente, seja ele da educação básica ou educação superior. Todos os saberes produzidos precisam ser incorporados pelo *habitus*, no decorrer da trajetória profissional e pessoal, para que o professor se subsidie conforme as necessidades colocadas pelos problemas enfrentados no dia a dia profissional.

É importante destacar a necessidade de se investigar no professor a trajetória de estudo, história de vida, buscando identificar os saberes que são operados e como foram constituídos no processo de profissionalização. Dentre as pesquisas que Bourdieu realizou,

podemos buscar dois conceitos importantes – *habitus* e campo social, que respondem a análise sobre o processo formativo do professor.

Percebemos uma grande necessidade de se levantar, no Brasil e no mundo, maiores discussões a respeito da formação do professor universitário. Porém, as políticas também timidamente, não expõem as questões relacionadas ao professor universitário do atual mundo. O fato é que precisamos nos preocupar com essa classe de trabalhadores que tem declarado cada vez mais falta de apoio quanto à profissionalização e que tem enfrentado grandes desafios no trabalho, muitas vezes, com pouco preparo profissional.

É preciso concordar com Baldino (2001), quando em análise sobre a formação do professor universitário no Brasil, enfoca que, historicamente as discussões relacionadas à docência universitária são recentes e que o foco dos principais debates - até o final do século XX - estiveram ligados, principalmente, a formação do docente da educação básica. Para este autor as leis que fundamentam as políticas de formação docente são muitas vezes falhas e não conseguem apreender a problemática existente no campo docência universitária que “acaba por constituir um determinado modo cultural do ser docente – uma profissão que busca sua identidade e profissionalização em tempos de globalização” (2001, p.83), e inserido nesse novo formato social, enfrenta muitas transformações na educação e também no contexto do trabalho e seus processos produtivos.

Segundo o referido autor, compreender a questão relacionada à formação do professor universitário – inicial e permanente - é importante, mas, faz-se necessário entender que deve ser atrelado aos processos de socialização na sua atuação, sendo ela universitária ou fora deste âmbito. Sem contar que o debate relacionado à formação do professor universitário continua silenciado nas políticas educacionais que tratam da questão da formação de professores de forma muito frágil na LDBEM de 1996, ausente do PNE 2001-2010, ausente na CONAE 2010 e ausente no PNE 2011-2020.

Estas constatações reforçam o fato a desprofissionalização no meio acadêmico, que pode ser visto em quase todos os espaços e trabalhos. Os professores não precisam de um “treinamento” (interno/externo), necessitam sim, de uma formação permanente, consistente de ideias, críticas, reflexões teórico-práticas, apoio acadêmico e profissional.

Não podemos esquecer que esse profissional tem formado outros trabalhadores que também são professores, estes estão entrando em salas de aula no ensino básico e ensinando nossas crianças, muitas vezes, sem nenhum conhecimento científico e metodológico. Esse problema é seqüencial e pode formar uma cadeia de outros dilemas irreparáveis.

REFERÊNCIAS

- CANEZIN, Maria Teresa. O Conceito de Hábitus na Teoria da Prática: Fundamentos do diálogo de Bourdieu com o pensamento Durkheimiano. In: **Introdução à Teoria e ao Método em Ciências Sociais e Educação**. Goiânia, editora UCG, 2001, p. 94 a 111.
- BALDINO, José M. Educação Superior no Brasil: Considerações a propósito da formação do professor universitário. **Revista Educativa**. Goiânia, 2001, p. 81-98.
- BENEDITO, Vicente et al. **La formación universitaria a debate**. El profesorado universitario: caracterización de la docência , de la investigación y de la gestión. Barcelona; Universidade de Barcelona, 1995.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. In.: ORTIZ (Org.). **Pierre Bourdieu**, n. 39, São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 46 – 86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: editora. Marco Zero limitada. 1983, p. 89 a 107.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CATANI, Denise Bárbara. In.: **Bourdieu Pensa a Educação**. **Revista EDUCAÇÃO Especial**: Biblioteca do Professor. SP: Editora Segmento, p. 16-25.
- LUGLI, Rosário S. Genta. A Construção Social do Indivíduo. In.: **Bourdieu Pensa a Educação**. Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor. SP: Editora Seguimento, p. 26-35.
- ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In. ORTIZ (Org.). **Pierre Bourdieu**, n. 39, São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 7 a 36. Coleção Grandes Cientista Sociais.
- ORTIZ, Renato. O Campo Científico. In: **Pierre Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39, ORTIZ (Org.), São Paulo, Editora Ática, 1994, pág. 122-155.
- PEREIRA, G. M. A improvável trajetória de um sociólogo enervante. **Revista Educação**, São Paulo, vol. 5, Especial: Biblioteca do Professor, Dossiê: Bourdieu pensa a Educação, p. 06-16, set. 2007.
- SILVA, Marilda da. Hábitus professoral e Hábitus estudantil: uma proposição acerca da formação de professores. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, Dec. 2011. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000300016&lng=en&nrm=iso. access on 29 Mar. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000300016>.

SILVA, Maria Aparecida de Souza. A utilização do conceito de hábitos em Pierre Bourdieu para a compreensão da formação docente. In. **Revista de Trabalho e Educação**, Ano1. Número 1 Volume 2. Agosto de 2008.